

“METADE FÊMEA METADE MAR COMO AS SEREIAS”: SIGNIFICAÇÕES DO MAR NA POESIA DE NATÁLIA CORREIA

RUI TAVARES DE FARIA *

RESUMO

O mar é elemento presente na poesia de Natália Correia, uma vez que inspira e condiciona a expressão do “eu” lírico. Nascida na ilha de S. Miguel, em 1923, de onde partiu aos onze anos para se fixar em Lisboa, Natália recorre ao mar como forma de recuperar memórias e entender o sentido da sua própria existência. Assim, o mar configura a sua identidade enquanto poetisa, porque nele ela vê uma forte ligação de pertença. É sobre a relação umbilical que se cria entre a poesia de Natália Correia e o mar que incide o presente estudo, o qual visa demonstrar, através da análise de um corpus selecionado de poemas, publicados em diferentes épocas, que Natália Correia é, segundo as suas palavras, “metade fêmea metade mar como as sereias.”

PALAVRAS-CHAVE: Mar; Natália Correia; Poesia; Mulher.

1. INTRODUÇÃO

“Foi desde sempre o mar” – verso lapidar com que Cecília Meireles inicia o longo poema “Mar Absoluto” – um dos temas mais representativos das criações artísticas produzidas nos países que têm o mar por fronteira. Portugal, o “cume da Europa”, segundo Camões, “o rosto com que fita o Ocidente”, no dizer de Fernando Pessoa, dispõe de uma geografia peninsular privilegiada, no atinente às fronteiras marítimas a Sul e a Oeste, e de uma extensão insular que, além de favorecer o contacto natural com o elemento

* Professor Auxiliar Convidado do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal; Investigador Integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Portugal; E-mail: rui.mv.faria@uac.pt; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0529-9107>.

oceânico, estabelece uma relação intercontinental. Destes contactos e relações resultam particularidades e instituem-se idiosincrasias que determinam o modo de ser português.

Relativamente à realidade insular, em particular a do arquipélago ou região autónoma dos Açores, fala-se de “um traço idiosincrático que reflete o sentimento ou o modo de ser e de agir cunhado por Vitorino Nemésio de açorianidade, e que deve ser entendido como a dimensão psicológica de um conceito mais abrangente: a insularidade” (Faria, 2023, p. 79), a que se alia inevitavelmente o mar. Esta “dimensão psicológica” é muito própria, portanto, e, uma vez transposta para os âmbitos artístico e/ou literário, vê acentuada a sua singularidade nas mais variadas formas e expressões.

Assim, considerando que, enquanto expressão subjetiva de um mundo interior, a poesia materializa uma visão individual que só ao poeta parece dizer respeito, a significação poética que o mar assume – ou pode assumir – varia de autor para autor. Carlos Reis (2001, p. 314) afirma que

a interiorização a que os textos líricos procedem relaciona-se com a propensão eminentemente egocêntrica própria do sujeito poético [que], colocando-se no centro de um determinado universo (universo dos temas, dos mitos, das obsessões, mas também do mundo representado, nas suas situações e eventos diversos), [...] tende, assim, a afirmar uma atitude acentuadamente individualista.

Ora, no universo do tema relativo ao mar, o poeta pode exprimir sentimentos tão dicotómicos como são a tranquilidade e a ira, a esperança e a angústia, a felicidade e a tristeza. Além disso, “o mar provoca igualmente o sentimento de medo ao evocar a imensidão, os poderes da natureza, da força cósmica e da glória divina” (Tomás, 2013, p. 5), suscita o perigo, mas estimula a sedução, o fascínio, a magia.

Todo este imaginário resulta *grosso modo* das experiências vividas pelo poeta, como se verifica na obra poética de Natália Correia, que comporta uma série de alusões e de exemplos que advêm das vivências da autora. Neste contexto, o presente artigo desenvolve-se em torno de três linhas hermenêuticas, a partir de um *corpus* de textos poéticos devidamente selecionados, com o objetivo de demonstrar que a poesia de Natália Correia configura o mar como: 1. espaço de pertença e identidade, 2. ponto

de partida, caminho rumo à mudança e ao crescimento, para se converter, por fim, 3. num lugar de memórias ao qual o “eu” faz por regressar através da poesia.

2. O MAR: ESPAÇO DE PERTENÇA E IDENTIDADE

Referindo-se à presença constante do mar na literatura portuguesa, em geral, e na poesia contemporânea, em particular, Maria do Céu Fialho refere que a vastidão deste elemento se abre, “desde sempre, como espaço de temores, espaço de evasão e liberdade, ou de invasão e ameaça; de interrogação, mistério, fascínio, rebeldia.” (Fialho, 2006, p. 397). Noutra perspetiva, o mar assume-se, também e nalguns casos, como um espaço de pertença e identidade com o qual o poeta desenvolve uma relação inextrincável, nele encontrando a *fons et origo* do seu ser.

No caso da poesia de Natália Correia e no atinente ao tema do mar, torna-se quase impossível separar o “eu” empírico do sujeito lírico, porque muito do que é submetido artisticamente ao canto poético resulta, afinal, da experiência individual da autora. Natália Correia nasceu na ilha de São Miguel e este facto determina, desde logo, a sua condição natural de pertença ao vasto oceano em que ela se diz ter convertido, segundo se depreende da leitura do poema XIV de *Rio de Nuvens*, antologia de 1947:

XIV
Andam palavras na noite
Cansadas de me chamar.
Trago os meus lábios salgados
E algas no paladar.

Eu sou um grande oceano
Que só fala a voz do mar!
Mas já sinto o mar cansado
De pedir o luar ao céu
Que a noite não lhe quer dar!
(Correia, 2023, p. 56)

Com efeito, conforme assinala Luís Forjaz Trigueiros, “o tema do Mar é uma das constantes literárias da açorianidade” (1997, p. 601); e Natália é, de entre o conjunto de poetas que expressaram, nas respetivas obras, este estado singular da insularidade¹, “a voz [feminina] do mar”, não apenas do mar que banha e circunda o seu berço, determinando-lhe a natureza corpórea (“lábios salgados”, v. 3; “algas no paladar”, v. 4; “Eu sou um grande oceano / Que só fala a voz do mar”, v. 5-6), mas do mar que é sinónimo de universalidade e “símbolo da dinâmica da vida” (Chevalier & Gheerbrant, 1982, p. 439).

Se considerarmos que a condição natural de pertença revela a identidade do ser e que “tudo sai do mar e a ele regressa” (Chevalier & Gherrbrant, 1982, p. 439), então fazem sentido os versos de Natália, quando ela se autodefine, em “A exaltação da pele” (in *Poemas*):

A EXALTAÇÃO DA PELE

Hoje quero com a violência da dádiva interdita.

Sem lírios e sem lagos

E sem o gesto vago

Desprendido da mão que um sonho agita.

Existe a seiva. Existe o instinto. E existo eu

Suspensa de mundos cintilantes pelas veias

Metade fêmea metade mar como as sereias.

(Correia, 2023, p. 90)

Ao assumir-se “metade fêmea metade mar como as sereias” (v. 7), há uma questão que se nos impõe quase de imediato: por que razão a poetisa não se toma pelo todo, mas, sim, por duas metades? Se pretendêssemos uma resposta da própria autora, poderíamos recorrer a dois versos do poema “Errância Imóvel”, integrado no conjunto de inéditos escritos entre 1961 e 1966, que dizem que “A magia de ser muito mulher / É o meu modo de estar lá e cá.”, e estaríamos a justificar a “metade fêmea” e a descurar a “metade mar como as sereias”, quando realmente a sua identidade total é determinada por esta dualidade.

1 Veja-se os casos de Antero de Quental, Roberto de Mesquita ou Vitorino Nemésio. Mais recentemente considerem-se, também, João Pedro Porto e Ângela de Almeida.

Ela é “metade mar” e nesta sua gênese está outra dualidade, explicitada no poema VIII da obra *Cântico do País Emerso* (1961):

Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos
Minha mãe era ninfa meu pai chuva de lava
Mestiça de onda e de enxofres vulcânicos
Sou de mim mesma pomba húmida e brava
[...]
(Correia, 2023, p. 290)

Na verdade, ter sido amamentada pelos “peitos oceânicos” da mãe “ninfa” mostra como o mar ganha, em Natália, não só uma dimensão de pertença genesiaca, mas também adquire um carácter identitário próximo do feminino. Reparemos que é a mãe – e não o pai – quem surge associada ao elemento oceânico; é a mãe quem gera a dinâmica da vida do “eu” poético e lhe deixa a marca do universo líquido como traço endógeno. Embora o sujeito lírico se diga “Mestiça de onda” pela parte materna e “[Mestiça] de enxofres vulcânicos” pela parte paterna, é a natureza feminina que acaba por sair reforçada, porque da tríade mãe-pai-filha faz parte apenas um terço do elemento masculino.

Ademais, a “metade mar” é comparada, no seu todo, às “sereias”, seres mitológicos que são também “metade fêmea”, pois possuem cabeça e peito de mulher, e “o resto do corpo igual ao de um pássaro ou, segundo as lendas mais tardias e de origem nórdica, ao de um peixe.” (Chevalier & Gheerbrant, 1982, p. 594). Querirá isso significar que a “metade mar” de Natália se subdivide em duas outras naturezas? A dar credibilidade a esta leitura, a poetisa será, então, um ser híbrido? Se assim for, compõem-na três quartos femininos – a “metade fêmea”, que lhe corresponde naturalmente, mais uma quarta-parte que lhe advém das “sereias” – e um quarto animal, “pássaro” ou “peixe”, considerando de novo a natureza corpórea dos seres mitológicos com os quais se compara. Esta composição põe em destaque a feminilidade da sua essência; ela assim o diz: “Puxam por mim os dois extremos da sereia.” (“Êxodo”, in *Passaporte*, 1958).

Além disso, a equiparação às “sereias” evidencia outro traço identitário de

Natália que decorre igualmente da sua relação com o mar. Do mesmo modo que aquelas criaturas seduziam os marinheiros com o seu canto, também a autora açoriana procura imbuir a sua poesia de magnetismo, recorrendo ao elemento marítimo como forma de encantamento.

Neste sentido, a pertença ao mar é uma condição que se verifica a, pelo menos, dois níveis. Por um lado, o mar liga-se inextricavelmente ao espaço físico onde Natália nasceu; é o mar que, “com paredes de vidro, rodeia o centro inviolável: a Ilha”, segundo as palavras da poetisa na epígrafe a *O Dilúvio e a Pomba*, de 1979. Por outro lado, o mar reflete o universo poético da escritora açoriana, um reino de metamorfoses ao qual ela pertence “como as sereias”. Efetivamente, “todo o imaginário se expande e configura sem que dele seja possível alienar a referência original a um espaço e à vivência humana desse espaço; todo o espaço a que o homem cria elos de ligação tende a ser transfigurado pelo imaginário.” (Fialho, 2006, p. 397). Assim, o imaginário poético de Natália Correia reconfigura o mar real que circunda a ilha de São Miguel – espaço da génese identitária e real do “eu” – num outro mar, o das “transformações e renascimentos” (Chevalier & Gheerbrant, 1982, p. 439), onde se cumpre “o destino de água salgada / principiado na veia.” (“Retrato talvez saudoso da menina insular”, in *Poemas*, 1955).

3. O MAR: PONTO DE PARTIDA

Dando cumprimento ao “destino de água salgada / principiado na veia”, o mar, que de facto faz parte da génese do “eu” empírico de Natália, representa também a “possibilidade de libertação para outros mundos e outras rotas” (Fialho, 2006, p. 397), assumindo-se, neste sentido, num espaço de partida, num caminho rumo a outros mundos.

Com efeito, no soneto “Manhã Cinzenta”, o mar surge associado não só ao momento da despedida do “eu”, que deixa a ilha de São Miguel, mas também à diversidade de experiências que o mesmo mar lhe proporcionou:

MANHÃ CINZENTA

À partida de S. Miguel

Ai madrugada pálida e sombria
Em que deixei a terra de meus pais...
E aquele adeus que a voz do mar trazia
Dum lenço branco, a acenar no cais...

O meu veleiro – era de espuma fria –
Levava-o o fervor dos vendavais.
À passagem gritavam-me: onde vais?
Mas só o meu veleiro respondia.

Cruzei o mar em direções diferentes.
Por quantas terras fui, por quantas gentes,
Nesta longa viagem que não finda.

Só uma estrada resta – mais nenhuma:
Na Ilha que o passado envolve em bruma,
Um lenço branco que me acena ainda...
(Correia, 2023, p. 39)

O momento da despedida reveste-se da tristeza que é normal sentir-se quando se deixa o berço. É da terra dos seus pais – “ninfá e pai chuva de lava” – que o sujeito poético parte para cruzar “o mar em direções diferentes” (v. 9), como se doravante a ínsula se afastasse da vida da poetisa. Este afastamento, porém, é materializado no momento da partida, uma vez que a poesia permite a Natália apenas uma “longa viagem que não finda, / só uma estrada resta – mais nenhuma” (v. 11-12): a lembrança do adeus acenado por um lenço branco trazido pela “voz do mar” (v. 3).

Enquanto meio através do qual o poeta se move, alcançando outras “terras” e conhecendo novas “gentes”, o mar desempenha um papel importante no processo de amadurecimento do “eu”. No caso de Natália Correia, as vivências que a transposição do mar lhe granjeia reconfiguram-na, sujeitando-a involuntariamente a um estado

de metamorfose, segundo se depreende dos versos seguintes do poema “Mãe Ilha”, publicado em 1972, na obra *A Mosca Iluminada*:

Para Lisboa me trouxeram
Não de uma vez e embarcada
Minha longa matéria foi
Pouco a pouco transportada.

Recém-vinda de ficada
Em morosa maravilha
Sempre a chegar a Lisboa
E sempre a ficar na ilha.
(Correia, 2023, p. 422)

Notemos que a partida se efetiva de modo involuntário e gradual. Involuntário, porque o sujeito poético é levado, como sugere o verso “Para Lisboa me trouxeram”, atravessando o mar “embarcada”; gradual, porque, embora a viagem marítima tenha sido apenas uma, o ponto de partida parece presente na memória do “eu”, cuja “longa matéria foi / Pouco a pouco transportada”. Pressupondo que a travessia do oceano se faz contra a vontade do “eu”², seria de esperar que o mar se tornasse num universo de hostilidades, mas, pelo contrário, converte-se num elemento integrante e integrador da natureza do ser poético.

Na realidade, também para Natália o mar parece ter o mesmo significado que assumiu – e assume – para o povo português. Foi através dele que foram alcançados outros portos, conhecidos diferentes povos e estabelecidos novos contactos culturais, a partir dos quais se tornou possível a criação de laços que promoveram – e ainda promovem – a diversidade e a mudança. Natália Correia não é, neste âmbito, exceção. O facto de ter deixado a ilha de São Miguel e atravessado o oceano Atlântico rumo a Lisboa levou a que se processassem, na poetisa, metamorfoses ao nível da essência e da matéria.

2 Não há testemunhos claros quanto à posição tomada por Natália quando a sua mãe decide partir para Lisboa, em 1934, levando-a consigo mais a irmã Carmen. A poetisa era praticamente uma criança.

Antes, segundo se lê no “Retrato talvez saudoso da menina insular”, integrado em *Poemas*, de 1955,

Tinha o tamanho da praia
o corpo que era de areia.
E mais que corpo era indício
do mar que o continuava.
Destino de água salgada
Principiado na veia.
(Correia, 2023, p. 85)

E, de acordo com o poema “Êxodo”, publicado em 1958, na obra *Passaporte*,

[...]
Agora sou peixe. Vivo num aquário que é uma cidade
Onde o alfaiate nos tira as medidas pelo ataúde.
(Correia, 2023, p. 219)

Independentemente das alterações que se operam, nunca o “eu” se dissocia do mar ou da natureza marítima. Mesmo que, antes, o [seu] corpo se pudesse confundir com o “tamanho da praia” (v. 1), num momento e espaço que parecem coincidir com a infância, no presente, o “eu” assume-se “peixe” “num aquário que é uma cidade” (v. 55), Lisboa, para onde foi trazida. Apesar de este lugar ser associado ao aprisionamento ou à artificialidade (“aquário”) e à morte (“ataúde”), a poetisa mantém-se ligada ao mar, mostrando que este elemento faz parte da sua natureza, empírica e poética.

4. O MAR: LUGAR DE MEMÓRIAS

Além de ser parte integrante da natureza do “eu” e de se assumir como caminho rumo a “outras direções”, o mar ocupa de igual modo um lugar importante na memória do sujeito poético. Trata-se de um lugar ao qual o “eu” pretende regressar, nem que seja em sonho, como forma de lá recuperar ou regenerar a sua identidade. Mais do

que um sentimento de nostalgia, o regresso ao mar afigura-se o meio através do qual Natália reconhece que o seu presente é um engano e, por isso, manifesta saudade de um tempo e de um espaço que se converteram em memória, conforme sugerido no poema V de *Rio de Nuvens*:

V
Eu venho do sonho e fujo da vida.
Errei no caminho para a paz prometida.

Só sei que me chama um canto do mar.
E a nau dos sonhos no céu a varar.

Ó meu capitão da barca perdida
A errar o sonho e o engano da vida!
(Correia, 2023, p. 47)

O mar interpela o “eu” lírico por meio de “um canto” (v.3). Será o canto das sereias ou o canto em que a própria voz do mar, que é a da poetisa, se converte poeticamente? Como responde o sujeito poético a tal chamamento? Quaisquer que possam ser as respostas às questões colocadas, o certo é que esse apelo resulta da relação inextrincável que persiste entre o mar e Natália Correia; é um “canto de mar” que evoca à poetisa memórias de um passado remoto e que a leva a expressar nostalgia:

NOSTALGIA

Dia de vozes ao longe;
Rumor remoto de hortênsias.
Dia da casa que foge
De ser agora de vidro.
Porque encostei ao ouvido
O búzio das confidências?
(Correia, 2023, p. 67)

Neste desejo de regresso às origens – o mesmo é dizer regresso ao mar – avultam naturalmente elementos que reenviam para a infância da poetisa. Há as “vozes ao longe”, o “rumor remoto de hortênsias”. Parece que o sujeito lírico volta a escutar, por ter encostado “ao ouvido / O búzio das confidências”, as “vozes” da mãe, da irmã, da criada Maria da Estrela; parece que volta a sentir, trazido pela brisa do mar, o “rumor” das “hortênsias”, flores bastante típicas da ilha de S. Miguel, o seu berço atlântico. E tudo se processa por meio do “búzio das confidências”. É habitual às crianças – e também aos adultos – encostarem um búzio ao ouvido com o intuito de escutarem o marulho; no caso de Natália Correia, este “marulho” traduz-se num conjunto de memórias que evocam a sua natureza insular e, concomitantemente, marítima.

No poema “Retrato talvez saudoso de uma menina insular”, o primeiro do capítulo intitulado “Biografia” da obra *Poemas*, de 1955, o exercício de rememoração da infância a que se presta o sujeito poético também sugere a sua clara ligação inextrincável ao mar. Trata-se do “retrato talvez saudoso”, porque de um passado longínquo, pertença agora do “búzio das confidências”. Repare-se que não é uma “menina” genérica, como aquela a quem as amas contam histórias do papão ou aquela que brinca, à beira da praia, com as amigas, ao som do canto de um “príncipe do mar”. Esta é uma criança que provém de uma ilha que tem o mar por única fronteira, ou seja, a própria Natália Correia.

Contudo, se o título parece quebrar a barreira da ficcionalidade poética, identificando a “menina insular” com a poetisa, a enunciação discursiva faz-se exclusivamente na terceira pessoa do singular, procedimento que insinua um afastamento do eu que escreve da voz que desenha o “retrato talvez saudoso de uma menina insular”. À primeira vista, o poema não apresenta um eu, mas um objeto lírico, sobre o qual se detém uma entidade enunciativa muito próxima da categoria de narrador, porque o conteúdo poetizado se constrói a partir de elementos descritivos e actanciais, como se de um relato narrativo se tratasse. Mas

a subjetividade não é expurgada do texto lírico quando esse eu [...] não se encontra formulado (porque não tem que o ser forçosamente) através de uma primeira pessoa gramatical. Ele deve ser encarado sobretudo numa dimensão existencial, dimensão que envolve uma relação pessoal com o

mundo e com os outros, tendendo não só para o conhecimento disso que lhe é exterior, mas também, em última instância, para o autoconhecimento que esse sujeito normalmente persegue (Reis, 2001, p. 318-319).

É, pois, nesta perspectiva que deve ser lido o poema “Retrato talvez saudoso de uma menina insular”:

RETRATO TALVEZ SAUDOSO DA MENINA INSULAR

Tinha o tamanha da praia
o corpo que era de areia.
E mais que corpo era indício
do mar que continuava.
Destino de água salgada
princiado na veia.

E quando as mãos se estenderam
a todo o seu comprimento
e quando os olhos desceram
a toda a sua fundura
teve o sinal que anuncia
o sonho da criatura.

Largou o sonho no barco
que dos seus dedos partiam
que dos seus dedos paisagens
países antecediavam.

E quando o corpo se ergueu
voltado para o desengano
só ficou tranquilidade
na linha daquele além
guardada na claridade
do coração que a retém.
(Correia, 2023, p. 85)

O eu que antes vivenciara objetivamente as circunstâncias banais que o “tempo de menina” lhe proporcionava – brincadeiras à beira-mar, contos de embalar, medos e alegrias – assume agora o papel de hermeneuta de si próprio e constrói à sua volta um retrato subjetivo – recorde-se o uso do advérbio de dúvida “talvez” logo no título – de uma infância saudosa. A “menina insular” – o mesmo é dizer Natália Correia – tem a “praia” por “corpo” e a “água salgada” corre-lhe “na veia”. O que aqui se configura é uma imagem genesíaca que submete o eu a um processo de metamorfose. O “tempo de menina” de Natália ficou para trás, largado como “o sonho no barco”, o barco que a transpôs para fora da ilha rumo ao desconhecido³. No presente, é daí que ela perscruta, “na linha daquele além / guardada na claridade / do coração que a retém” (vv. 23-25), o eu da infância. O “corpo que [antes] era de areia” (v. 2) é agora o “corpo [que] se ergueu / voltado para o desengano.” (vv. 20-21). Parece encerrar-se um ciclo, o da inocência infantil, para se iniciar outro, o da fase adulta, e mostrar, afinal, que “mais que corpo era indício / do mar que continuava” (vv. 3-4).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais conclusivas, a relação que Natália estabelece com o mar é endógena e a sua poesia confirma esta ligação umbilical. Não se trata apenas do mar enquanto elemento físico e concreto, mas de um espaço identitário, que retém as memórias de uma infância remota e feliz, um espaço onde a poetisa recupera forças e vitalidade para aceitar e viver o presente que, segundo diz, se converteu num “aquário que é uma cidade”.

Por isso, Natália Correia reconhece e canta a sua natureza fluida e sedutora, ao tomar-se “metade mar como as sereias” (Correia, 2023, p. 90) e ao dar-se como “leito às águas / dos sonhos que [a] transcorriam / contente de ser o curso / da água em que [se] esvaía” (Correia, 2023, p. 90). O que lhe corre nas veias não é apenas sangue, é também o mar, o qual lhe determina a gênese orgânica e lhe inspira a expressão poética.

3 A propósito das figurações da ilha na poesia de Natália Correia, *vide* Faria (2022).

“HALF FEMALE HALF SEA LIKE THE MERMAIDS”: MEANINGS OF THE SEA IN NATÁLIA CORREIA’S POETRY

ABSTRACT: The sea is an important element in Natália Correia’s poetry, since it inspires and conditions her poetical expression. Born on the island of S. Miguel, in 1923, from where she left at the age of eleven to settle in Lisbon, Natália uses the sea to recover memories and understand the meaning of her own existence. Thus, the sea configures her identity as a poet, because in it she sees a strong connection of belonging. It is on the umbilical relationship that is created between Natália Correia’s poetry and the sea that this study focuses. It will seek to demonstrate, through the analysis of a selected corpus of poems, published at different times, that Natália Correia is, according to her words, “half female half sea like mermaids.”

KEYWORDS: Sea; Natália Correia; Poetry; Woman.

“MITAD HEMBRA MITAD MAR COMO SIRENAS”: SIGNIFICADOS DEL MAR EN LA POESÍA DE NATÁLIA CORREIA

RESUMEN: El mar es un elemento presente en la poesía de Natália Correia, ya que inspira y condiciona la expresión del yo lírico. Nacida en la isla de S. Miguel, en 1923, de donde partió a los once años para instalarse en Lisboa, Natália utiliza el mar como una forma de recuperar recuerdos y comprender el sentido de su propia existencia. Así, el mar configura su identidad como poeta, porque en él ve una fuerte conexión de pertenencia. Es en la relación umbilical que se crea entre la poesía de Natália Correia y el mar en la que se centra el presente estudio, que pretende demostrar, a través del análisis de un corpus selecto de poemas, publicados en diferentes épocas, que Natália Correia es, según sus palabras, “mitad mujer mitad mar como sirenas”.

PALABRAS CLAVE: Mar; Natália Correia; Poesía; Mujer.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Natália. *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias. [poesia reunida]*. Lisboa: Ponto de Fuga, 2023.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema, 1982.

FARIA, Rui Tavares de. Figurações da Ilha na Poesia de Natália Correia: da expressão da açorianidade à busca da universalidade. *Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários*, V. 43, n. 2, p. 77-89 (dez. 2023). Disponível em: [Figurações da ilha na poesia de Natália Correia: da expressão da açorianidade à busca da universalidade | Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários](#).

FIALHO, Maria do Céu. O mar na poesia portuguesa contemporânea. A escrita de Fiama Hasse Pais Brandão. In OLIVEIRA, Francisco *et alii*. *Mar Greco-Latino*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 397-415, 2006.

REIS, Carlos. *O Conhecimento da Literatura*. Coimbra: Almedina, 2001.

TOMÁS, Júlia. *Ensaio sobre o Imaginário Marítimo dos Portugueses*. Braga: CECS, 2013.

TRIGUEIROS, Luís Forjaz. O mar. In PRADO COELHO, Jacinto (dir.). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas, 1997, p. 600-603.

Submetido em 11 de maio de 2024

Aprovado em 06 de março de 2025

Publicado em 25 de maio de 2025
